

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, \$000 reis. Numero avulso, 400 reis.

SUMMARY:—*D. Theotónio Manoel Ribeiro Vieira de Castro*, bispo de Meliapor.—**QUESTÕES ACTUAES**: *Conflicto entre a França e o Vaticano*.—**ESTUDOS HISTORICOS**: *Roberto de Sorbon*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—**ESCRITOS RELIGIOSOS**: *O frade*.—**EGREJA BRACARENSE**: *Catalogo dos Bispos e Arcebispos de Braga*.—**VISÃO DOS TEMPOS ANTIGOS**: *As sete maravilhas do mundo* (conti-

Administrador e editor: **José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

nuação).—**AS NOSSAS GRAVURAS**.—**DETUDO UM POUCO**.—**LYRA CRISTA**: *Jesus a uma alma*, pelo Padre M. A. Baptista.—**MUSA HUMORISTICA**: *No dese to*, por Alves d'Almeida.—**RETROSPECTO DA QUINZENA**.—**BIBLIOGRAPHIA**.

Gravuras:—*D. Theotónio Manoel Ribeiro Vieira de Castro*; *Egreja de Dromore*, na Irlanda; *Fr. Antonio de Santa Maria*.



D. Theotónio Manoel Ribeiro Vieira de Castro

D. Theotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro

BISPO DE MELIAPOR

Publicando no nosso lugar de honra o retrato do illustre Bispo de Meliapor, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Theotónio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, prestamos por este modo a nossa mais respeitosa homenagem ao inclito apóstolo, ardente missionario e Prelado modello.

Sim, S. Ex.^a Rev.^{ma} durante a sua estada na vastissima diocese de que é Pastor deu as mais encendradas provas da sua fé e do mais acrysolado patriotismo.

Os factos assim o declararam bem alto, e todos são unânicos em reconhecê-lo.

Agora, pela sua chegada á metropole, onde veio recobrar a saude depauperada e haurir novas forças, achou por parte da imprensa, mesmo da insuspeita, os mais alevantados louvores á sua proficua e duradoura obra.

E nós, por um dever de justiça, não devemos ficar de fóra n'este grato concerto de benções a S. Ex.^a Rev.^{ma}, pois que com isso calcariamos o nosso dever, que imperiosamente nol-o ordena.

Demais, coincidindo a data do presente n.º d'esta revista com o da Sagração episcopal de S. Ex.^a Rev.^{ma} na Sé do Porto, ha cinco annos, é esse mais um motivo para a nossa homenagem e para o jubilo que ora nos innunda.

Digne-se, pois, S. Ex.^a Rev.^{ma} acceitar a pequenez do nosso preito, e ao mesmo tempo conceder-nos a graça de beijarmos o anel episcopal, o que humildemente fazemos.

QUESTÕES ACTUAES

Conflicto entre a França e o Vaticano

O acontecimento de maior vulto, que ora se debate no mundo catholico, é o conflicto aberto entre a França e o Vaticano.

No cumprimento do nosso dever, vamos hoje dar uma rapida resenha dos factos que deram motivo a este rompimento, propositadamente provocado por um governo sectario e impio.

O ministerio Waldeck-Rousseau, que foi um digno percursor do de Combes, no provimento das sés vacantes, apresentou uma lista de bispos que a Santa Sé, optando o *mal menor pelo mal maior*, se viu constringida a acceitar.

Ora, n'este caso, bem podemos imaginar que taes seriam alguns dos candidatos, como os bispos de Dijon e de Laval. Homens sem a fé convicta de verdadeiros pastores da grei christã, não tardou que surgissem graves conflictos nas suas dioceses motivados pelo zelo dos parochos em defender a fé contra os seus inimigos, e ainda pela energia dos sacerdotes que se insurgiam, protestando contra os perseguidores das congregações, pelo que estes bispos, gratos e reconhecidos aos governos que os nomearam, tentavam por todos os meios reprimil-os. A situação, pois, tornou-se insustentavel. Os bispos invocavam a dis-

ciplina para amordaçar o clero entusiasta, e o clero protestava contra os bispos, negando-lhes auctoridade para isso.

N'estas alturas, Roma interveio. Havendo examinado estas questões, o cardeal Vanutelli, secretario da Inquisição, escreveu ao bispo de Laval, Mons. Geay, uma carta confidencial em que lhe aconselhava que «para bem da Igreja» renunciasse á mitra. Ao mesmo tempo o bispo de Dijon e outro prelado eram convidados, particularmente, a ir a Roma prestar contas dos seus actos.

O bispo de Laval, receiando perder um lugar onde se sentia bem, participou o caso a Combes, e os outros dois prelados, escudando-se no artigo 20 da lei de 18 germinal do anno X, que diz: «Os bispos estão obrigados a residir na sua diocese, e não poderão sahir d'ellas sem auctorisação do primeiro consul,» negaram-se a ir a Roma, pedindo tambem protecção ao governo. Assim estalou o conflicto.

O bispo de Laval, que, revelando o segredo do Santo Officio, incorrera em excommunhão reservada *ipso facto*, deu motivo a Combes enviar á Santa Sé as notas protestatarias fundadas nos artigos organicos da Concordata.

A actual Concordata foi pactuada entre Napoleão I e Pio VII, apoz a restauração do culto catholico em seguida á anarchia sanguinaria e impia em honra da deusa Razão.

Mesmo com a sagração imperial, e outras regalias adquiridas pelo seu poder omnipotente, o soberbo imperador decretou a lei de 18 germinal, pondo innumerous obstaculos á Santa Sé para regular os interesses espirituas de França, dando como desculpa que aquella lei não tinha outro fim senão o de regulamentar a execução do tratado, razão pela qual aos seus artigos se chamaram artigos organicos da Concordata.

A Santa Sé, porém, nunca acceitou como legaes estes artigos, que tão abusivamente foram postos na legislação sem a previa auctorisação do Summo Pontífice; chegou mesmo a protestar contra elles, e, não obtendo cousa alguma, tambem nunca os reconheceu.

Por aqui se vê a perfeita illegalidade dos taes artigos organicos, e a conducta recta de Roma em não os acceitar n'este lance.

Effectivamente, o facto de decretar leis contrarias a um tratado feito com uma potencia estranha, depois de ter assignado esse tratado, é uma aleivosia sem nome, contraria a todos os principios de direito constitucional, e com tudo isto, foi o que fez a França com a Santa Sé.

Portanto, as notas do governo francez enviadas a Roma, causaram um certo assombro, porque o pretexto era futil, no caso mesino em que os artigos organicos tivessem algum valor.

No entanto, a Santa Sé respondeu attentiosamente ao governo francez, explicando os factos.

Os dois prelados tinham sido convidados para se justificarem, isto é, sugerearem-se a uma syndicancia, em que elles podessem manifestar evidentemente a sua innocencia.

Mas o governo francez quiz ir até ao fim, Combes quiz mostrar-se digno do *buste en antimoine qu'on va lui faire*, mandando um ultimatum ao Vaticano para que retirasse as cartas escriptas aos bispos de Laval e de Dijon e se abstivesse de os castigar pela sua rebeldia.

A Santa Sé, de cujo lado está toda a razão, não transigiu em nada, resultando d'isso o rompimento diplomatico com a sahida do nuncio Mgr. Lorenzelli de Paris e o embaixador francez de Roma.

Os bispos causadores d'este conflicto: o de Laval, Mgr. Geay ainda não se submetteu e o de Dijon, Mgr. Nothez, foi a Roma.

N'esta questão, Combes revelou claramente o seu plano, isto é, mostrou que a sua obra não visa sómente as

congregações, mas que para mais longe vão as suas vistas. Sirva isto, pois, de lição a alguns ingenuos que conservavam ainda illusões a este respeito.

ESTUDOS HISTORICOS

Roberto de Sorbon

Em breves palavras vou caracterisar este grande homem que no seculo XIII da era christã foi um astro brilhante e glorioso nos céus da França, destacando-se entre outros de primeira grandeza. Roberto de Sorbon falleceu a 15 de agosto de 1274.

Creio que o seu nome tem todo o direito a figurar n'um periodico quinzenal que se chama *O Progresso Catholico*, de religião e sciencia, litteratura e artes. Porque o Catholicismo foi sempre a fonte do verdadeiro progresso, e a Igreja a mãe das sciencias e das artes, e fóra d'ella só existe a corrupção, com todo o seu cortejo de males.

Roberto de Sorbon foi um dos homens illustres que no seculo XIII desenvolveram extraordinariamente o movimento intellectual e religioso que então houve no mundo, sob o influxo da Igreja de Deus.

As artes produziram tambem prodigios, e ainda hoje admiramos os mais bellos monumentos, que datam d'essa epocha.

Fiel á sua missão, a Igreja foi n'esse tempo, como tem sido sempre, a alma de todo o bem que se operou. Excitou ou moderou, segundo as necessidades do meio em que vivia, a actividade e a energia dos soberanos e dos povos. A santidade, as sciencias e as artes foram o resultado exclusivo dos esforços, da dedicação e dos trabalhos dos seus filhos.

Entre elles resplandeceu Roberto de Sorbon como o ouro entre os metaes, o sol entre os astros, por sua sciencia, por seu zelo apostolico, por sua santidade.

E' verdade que o seu nome não se lê no catalogo dos santos, e por isso não é como tal venerado com culto publico na Igreja. Mas esta circumstancia nada tira ás suas proeminentes qualidades, porque Sorbon viveu e morreu santamente, sem contestação alguma, como outros muitos dos tempos passados.

Comtudo parece que ouço dizer: Então no seculo XIII, em plena idade media, houve progresso, desenvolvimento intellectual, scientifico e artistico, illustração, etc? Pois não era então um seculo de trevas, de ignorancia, de obscurantismo, de desordens, de desregramentos?

Ora esperem. N'esse seculo houve erros, desordens, faltas, como teem havido em todos os seculos. Mas é certo que ha muita exaggeração no juizo que d'elle fazem alguns philosophos modernos. Apareceram então varões santos, muita illustração, de maneira que, segundo até alguns auctores insuspeitos, foi um dos seculos mais felizes.

No emtanto, seguindo um meio termo entre as duas opiniões, devemos consignar que a idade media não foi destituida de luzes, e que então houve grande progresso, muita vida e actividade, sendo a Igreja a fonte d'onde brotou todo o bem para a humanidade.

Põndo agora de parte muitos varões sabios que produziu esse seculo tão fecundo pela fé, e não menos quanto á sciencia, temos Roberto de Sorbon, que foi successivamente conego de Cambrai e de Paris, capellão e confessor de S. Luiz, rei de França; e com o auxilio do rei e da rainha Dona Branca fundou o famoso collegio da Sorbona, que se tornou uma das mais consideradas Universidades.

Nasceu este santo homem no anno de 1201, n'uma pobre aldeia chamada Sorbon, d'onde elle tomou o cognome, na diocese de Reims. Era oriundo d'uma familia obscura.

Sendo ainda muito joven, tendo cursado os estudos competentes, recebeu em Paris o grau de doutor, e em seguida dedicou-se á prégação evangelica e ás conferencias de piedade.

Immediatamente por toda a parte começou a resoar o seu nome com grande reputação de sciencia e virtude.

S. Luiz, que então era rei de França, quiz vê-lo e ouvi-lo. E ficou tão encantado do seu merecimento, que logo o nomeou seu capellão e o escolheu para seu confessor.

Não seria preciso accrescentar mais coisa alguma para dar a conhecer as altas qualidades moraes que adornavam Roberto de Sorbon.

Mas a sua grande obra foi a fundação da Sorbona de Paris, assim chamada do seu nome.

Roberto resolveu formar uma sociedade de clerigos seculares que, vivendo em commum, e possuindo o que lhes era necessario á vida, ensinassem gratuitamente. Todos os seus amigos approvaram o seu designio e lhe offereceram soccorrel-o com seus bens e seus conselhos.

Assim lançou mão á obra, reunindo tãbeis professores, e escolhendo entre os esclaes os que lhe pareceram ter mais piedade e melhores disposições.

O collegio da Sorbona de Paris serviu de modelo a todos os outros collegios, porque até esse tempo não havia na Europa comunidade alguma onde os clerigos seculares vivessem em commum e ensinassem gratuitamente.

E que homens notaveis se não formaram n'esta casa que fundou Roberto de Sorbon! Profundos theologos, philosophos, mathematicos, humanistas...

No anno de 1258, pouco tempo depois da fundação da Sorbona, o nosso Roberto foi creado conego de Paris. Era tal a sua reputação, que os reis e os principes o consultavam e tomavam por arbitro em negocios os mais importantes.

E até ha uma phrase muito usada n'aquelle tempo, que ficou em proverbio. Quando se queria impôr uma opinião, voto ou conselho, dizia-se: *Experto crede Roberto*: Crê no experimentado Roberto. A opinião de Sorbon era como um evangelho.

Morreu santamente este homem a 15 de agosto de 1274: faz hoje exactamente 630 annos. Legou á sociedade da Sorbona todos os seus bens.

Ora aqui temos um grande homem do seculo XIII, o que chamam tempo de trevas e de ignorancia. Mas então houve outros muitos, de que ao presente me não vou occupar; houve progresso, verdadeiro progresso.

E querem saber? Roberto de Sorbon compoz varias obras em latim, como era uso geral no seu tempo. As principaes são: *Tratado da Consciencia*; sobre a *Confissão*; o *Caminho do paraizo*.

Mas tudo isto é fanatismo e obscurantismo para os sabichões da actualidade.

Morreu Sorbon, mas a sua memoria será eterna.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

ESCRITOS RELIGIOSOS

O Frade

Ha um lugar na terra, onde o homem viu a primeira luz, um valle onde colheu a primeira flor, um campo por onde folgou pela primeira vez, um altar ante o qual murmurou a primeira oração, e o homem ama aquelle lugar, aquelle valle, aquelle campo, aquelle altar: o homem tem uma patria e ama a.

Um dia esse homem ouviu uma voz que lhe dizia, como

em outro tempo ao patriarcha Abrahão: Sahe de tua terra e de tua parentela, e da casa de teu pae, e vem para a terra que te vou mostrar; e o homem, obedecendo aquella voz, sahiu da sua patria; e aquelle homem ao cruzar o limiar do logar paterno—talvez pela vez derradeira—e ao receber os palpitantes beijos e trémulos abraços d'aquelles dois veneraveis anciãos que lhe deram o ser, sentiu humedecer-se lhe os olhos e bater apressadamente o seu coração varonil.

Já transpoz a ultima cumiada, que é como uma cortina corrida sobre a sua patria; já não divisa aquella columnasinha de fumo que sahe d'aquelle logar, a cuja borda sentado, aqueceu tantas vezes os seus membros transidos; só descobre alem, por entre a bruma da tarde, o pinaculo da torre da egraja, e os echos d'um sino que se perdem no espaço, ferindo debilmente os ouvidos, echos que lhe recordam dias de prazer e ventura, echos que são o ultimo *adeus* que recebe da sua patria adorada. Depois, a torre sumira-se, os echos extinguiram-se e o homem desaparecera...

E para onde irá esse homem? Para um convento, e n'esse convento dão-lhe uma cella, designam-lhe um oratorio, entregam-lhe um livro... eis o mundo em que agora viverá esse homem. Na cella ora, no oratorio ora, com o livro ora.

Um anno, dois annos... sempre orando.

Porem, para que ora tanto o pobre noviço? Porque antes de mostral-o á terra para onde havia sido chamado deve amar a Deus; antes de amal-o deve conhecê-lo, e para conhecê-lo deve penetrar em espirito no céu; e a aldrava com que as almas boas chamam o céu é a oração. Por isso o pobre noviço passa dias e dias, um anno após outro anno encerrado n'aquella cella sempre orando; o noviço, porém, ama a soledade do seu convento e o silencio da callada noite, as sonoras e socegadas harmonias do campo e os suaves concertos do espesso arvoredado, entre a brisa que arranca lastimosos queixumes, e os cantos das aves que poetisam aquella agreste solidão.

*
* *

Vistes aquelle joven com a cabeça inclinada e olhos fixos no pó como se tivesse fixa no seu pensamento aquella terrível maxima da Escripura: E's pó e em pó te has de tornar? Vistel-o tão scffredor, tão callado e inerte na apparencia? Vêde-o agora em toda a parte percorrer as estantes das bibliothecas e saccudir o pó de velhos pergaminhos, alternar o oratorio com a cathedra, e o livro ascectico com o profano; vêde-o entregue em corpo e alma a toda a classe de estudos, ás sciencias exactas e moraes, ás antropologicas e theologicas. Nada se esconde á sua actividade e ao seu zelo; ama a sciencia e busca-a por toda a parte: nos Dialogos de Platão e Dissertações de Aristoteles e nos Theologos da Edade Media.

Elle estuda tudo, e pergunta aos povos pela sua crigem e engrandecimento, rouba ao mundo antigo a sua lingua, e ao mundo moderno a variedade de seus idiomas para surprehender a natureza em seus mysterios e a sciencia em seus segredos e revelações. Em uma palavra, todas as sciencias estão sob o dominio do *frade*.

A Physica, a Astronomia, a Geologia, e demais sciencias naturaes, a Poesia, a Litteratura, a Rhetorica, a Oratoria, a Philosophia, o Direito Politico e a Theologia hão sido enaltecidos e esclarecidos por estes bemfeitores da humanidade. A sciencia brota d'aquelle entendimento preparado pela fé, como brotam as flores da terra fecundada pelas beneficis chuvas de abril.

*
* *

O frade está em todas as partes: vêde-o vestido de

tosco burel com um breviario debaixo do braço. Aonde vae o frade? Aonde o espirito de Deus o leva. Ouvis esse rumor que sahe do fundo d'um povo corrupto? Ouvis o zurzir d'esse latego com que um despota açouta os seus governados? Alli vae o frade, condemnar aquelle despotismo feroz e prégar o Evangelho christão que é a unica constituição que garante aos povos a sua liberdade. Com a cruz na mão combate todas as manifestações mais ou menos embuçadas do erro, quer implantadas em um paiz sob uma desculpa politica, quer com o satanico descarro de um *systhema* abertamente sceptico e atheu. Elle combate os anticatholicos e liberaes de Portugal e Hespanha, os doutrinaros e demagogos em França, os franc-maçõs em Italia, os racionalistas em Allemanha, e os protestantes em Inglaterra.

Todos os tyrannos da terra estão contra os frades, todas as lojas maçonicas de ambos os hemispherios, todos os herejes e incredulos da terra, todos os politicos e governos anti-catholicos do mundo juraram o seu exterminio; e elle, como o marinheiro no meio da tempestade, batalha contra todos; contra tyrannos e herejes, contra lojas e revoluções. Debalde despoticos governos se conjuram contra elle e mandam-no ao ostracismo: o frade, levantando tranquillamente a sua tenda, e passando a outras terras, clama em tom prophético: «Governos, vós passareis, mas eu voltarei ainda.»

Elle não tem patria nem logar, o seu destino é pelejar e por isso pelega em todas as partes: contra os barbaros filhos de Luthero na Europa, contra os barbaros filhos de Mafoma na Asia e Africa até derramar o seu sangue. Ao lado dos supersticiosos habitantes da Hottentotia e ao lado dos despreocupados filhos da que em tempo foi a Ilha dos Santos, se encontra sempre um frade. Falla todos os idiomas, cruza todos os mares, habita em todos os climas, conhece todas as sciencias, é peregrino universal sobre a terra, sentinella avançada da Egreja, profundo pensador e consummado philosopho.

Ah! se aquelles que tanto odeiam os *frades* e pregam o seu exterminio, se esses homens antes de lançar um anathema contra as ordens religiosas reflexionassem um pouco, envergonhar-se-hiam talvez de ser contados em o numero dos seres dotados da razão.

(Trad.)

EGREJA BRACARENSE

Catalogo dos Bispos e Arcebispos de Braga

I
BISPOS

1.º S. Pedro de Rates, Martyr. Contemporaneo de S. Pedro Apostolo, presume se ter governado do anno 37 a 44. Morreu martyr na antiga villa de Rates, que hoje pertence ao concelho da Povoa de Varzim. A historia dos Prelados de Braga até S. Paterno II é assaz duvidosa por falta de monumentos.

2.º S. Basilio. Foi o primeiro bispo do Porto, e, passando a Braga, morreu martyr. Governou até ao anno de 60.

3.º S. Ovidio, Martyr. Governou a egreja de Braga até 130.

4.º S. Polycarpo. Foi Prelado desde 120 a 163.

5.º S. Seremiano. Governou até 196.

6.º S. Fabião. Regeu a diocese bracarense até ao anno de 230.

7.º S. Felix. Esteve na cadeira de Braga desde 236 até 245.

- 8.º Grato.
 9.º Secundo ou Secundino, Martyr. Governou até 265.
 10.º Caledonio.
 11.º S. Narciso, Martyr. Esteve na cadeira bracarense até 277.
 12.º Paterno I.
 13.º S. Salomão.
 14.º Sinagio ou Sinagrio.
 15.º S. Leoncio. Regeu esta Sé desde 313 a 326.
 16.º S. Appollonio. Governou até ao anno de 334.
 17.º Idacio I, ou Epitacio I.
 18.º Lämpadio. Foi contemporaneo do Papa portuguez S. Damaso e esteve na Sé bracarense pelos annos de 380.
 19.º S. Paterno II. Foi deposto logo no concilio de Toledo; succedeu-lhe S. Prefuturo por morte do qual foi restituído em 400, e por sua morte succedeu-lhe Pancracio ou Pancraciano.
 20.º S. Prefuturo I.
 21.º Pranceracio ou Pancraciano.
 22.º Balconio.
 23.º Valerio I.
 24.º Idacio II.
 25.º S. Castino.
 26.º Valerio II.
 27.º Prefuturo II. Governou pelos annos de 525.
 28.º S. Ausberto ou Autberto. Pelos annos de 531 foi para a Sé de Cambray.
 29.º Juliano I. Passou para a Sé de Toledo em 537 e morreu em 538.
 30.º Eleutherio.
 31.º Lucrecio.
 32.º S. Martinho (I) de Dume. Antes de ser bispo de Braga, era elle o superior do mosteiro beneditino de Dume, que por isso mesmo seria abbadé mitrado, e não bispo com diocese propria. O que é certo é que em Dume houve uma pequena serie de prelados, sendo depois continuada em Mondonhede, na Galiza, para onde foi mais tarde transferida esta egreja.
 33.º S. Benigno. Governou pelos annos de 588.
 34.º Pantardo. Governou desde 583 até 590.
 35.º S. Tolobeu ou Tobeu.
 36.º S. Pedro (II) Juliano. Pelos annos de 638 passou para a Sé de Narbonna.
 37.º S. Manucino. Governou esta Sé desde o anno 646 até 650.
 38.º Panoracio (650—652).
 39.º Potamio, o penitente. Foi bispo até 656.
 40.º S. Fructuoso. Governou até 665.
 41.º S. Quirico ou Quirino. Em 567 passou para a Sé de Toledo.
 42.º S. Leodicisio Juliano. Pelos annos de 680 passou para a Sé de Toledo.
 43.º Liuva.
 44.º Faustino. Em 693 passou para a Sé de Sevilha.
 45.º S. Torquato Felix ou Felix Torquato. Fôra antes bispo do Porto e morrera martyr, proximo a Guimarães.
 46.º S. Victor, Martyr. Governou do anno 720 a 724. Desde este tempo até ao do Arcebispo D. Pedro III esteve Braga arruinada e seus prelados ausentes.
 47.º Heronio.
 48.º Hermenigildo.
 49.º Thiago.
 50.º Ferdizendo.
 51.º Arcarico.
 52.º Argimundo.
 53.º Nostrano.
 54.º Dulcidio.
 55.º Gladila.

- 56.º Argemiro.
 57.º Theodemiro.
 58.º Silvanato.
 59.º Heros ou Heronio.
 60.º Gonçalo I.
 61.º Hermigildo.
 62.º Juliano II. Este prelado passou para a Sé de Toledo.
 63.º Sigifredo. Este prelado passou para a Sé de Moguncia.
 64.º D. Pedro III. No tempo d'este Bispo começou a usar-se o titulo de Dom. Foi expulso em 1096. A este segue-se a serie dos Arcebispos.

(Conclue).

VISÃO DOS TEMPOS ANTIGOS

As sete maravilhas do mundo

VI

O templo de Diana em Epheso

Se Apollo, o mythico deus do dia, podia remirar-se nos traços do Colosso de Rhodes feitos á sua semelhança, sua irmã, Diana, a virgem rustica, a deusa da lua, inspirou os artistas de Epheso.

Rochedos vermelhos de formas bizarras e variadas alternando com molles collinas cobertas de oliveiras pallidas e de teixos negros e descendo em degraus até ás ribas, eis a paisagem incomparavel que servia de moldura á opulenta Epheso.

Desde a sua origem fôra consagrada a Diana. Um numeroso collegio de sacerdotes e sacerdotisas rendia á deusa, em diversos santuarios, um culto assiduo e sumptuoso.

Mas, pelos annos de 620 antes da nossa era, os Ephesios, julgando que ainda não tinham feito assaz para reconhecer a protecção que lhes concedia a falsa deusa, resolveram elevar-lhe um templo que fosse o maior e o mais bello do mundo.

Os alicerces achavam-se já concluidos e os architectos discutiam ácerca dos materiaes a empregar na construcção do templo, quando um feliz accaso os veio tirar do embarço. Um joven pegureiro, chamado Pixadoras, assistia um dia na montanha, a um combate de marradas entre dois carneiros do seu rebanho. Subito, um d'estes robustos animaes não alcançou o seu adversario e as pontas vieram bater contra o rochedo, d'onde saltou uma lasca. Pixadoras apanhou este fragmento; era de marmore magnifico, duro como ferro, brilhante como neve ao sol. Deixando ahi o seu rebanho, o nosso pastor correu a Epheso e mostrou o seu achado aos maioraes. Estes mandaram immediatamente examinar o rochedo no local indicado, e deparou-se-lhes um immenso jazigo de marmore esplendido. Foi d'ahi, pois, que se extrahiua toda a pedra que entrou na construcção do templo de Diana.

Esta maravilha da arte grega elevava-se sobre um terrasso artificial, ao centro da cidade. Dava-lhe accesso uma escada monumental, ornada de estatuas. O proprio templo media 130 metros de comprimento, e 66 de largura. Ornavam-no cento e vinte e sete columnas de ordem jonica, medindo cada uma 20 metros d'altura. Estas cento e vinte e sete columnas haviam sido dadas por outros tantos principes e grandes senhores das visinhanças, porfiados em levar uma homenagem á poderosa Diana dos Ephesios. Desde a base até ao cume, o templo era todo de marmore branco. Pelas bellas noites da Asia Menor, a

lha, isto é, a propria Diana, projectava sobre esta massa branca phantasticos clarões. E o povo de Epheso sonhava com orgulho que nenhuma cidade hellenica tinha sabido reconhecer d'uma maneira tão magnifica os beneficios da sua divindade tutelar.

A' entrada do templo de Diana, sobre uma plataforma monumental, erguia-se a propria estatua da deusa. Era ella de ouro macisso, e a lenda dizia a cabida do Olympo. Esta origem mysteriosa valia-lhe a veneração supersticiosa dos povos. Vinha gente de muito longe em peregrinação a Epheso por occasião das grandes festas que se celebravam annualmente em honra de Diana.

As ruas da cidade apresentavam então, por espaço d'alguns dias, uma animação desusada. Grandes senhores, ricos mercadores, aldeãos pobres, accorriam movidos pelo mesmo instincto religioso e confraternisavam durante algumas horas em nome da poderosa deusa.

A procissão que percorria as ruas de Epheso por occasião d'esta festa é contada entre as mais solemnes de que a antiguidade conservou memoria. Reuniam-se todos ao romper da aurora ás portas do templo. A' frente do cortejo punham-se os tocadores de flauta e cythara, depois vinham os guerreiros armados de lança e escudo, a cavalaria bem alinhada, em traje de parada, sob o commando dos chefes. Logo atraz avançava magestosamente o carro de Diana, arrastado por bois, mulas e cães brancos. D'ambos os lados do carro tomavam logar os padres de toda a cathogoria postos ao serviço da deusa. De tempos a tempos, quando os musicos collocados á frente do cortejo cessavam de tocar, os padres entoavam um hymno á deusa.

Tangidos pelos sacrificadores, vinham em seguida os animaes destinados ao sacrificio solemne, por onde acabava a cerimonia: touros de pontas douradas, ovelhas cingidas de grinaldas floridas e bandeirinhas. A uma certa distancia caminhavam os velhos de barba branca, levando ramos d'oliveira; depois os doadores que offereciam presentes particularmente ricos; em seguida ainda mancebos e donzellas, levando flores e fructos, e emfim a massa do povo.

Assim que a procissão havia percorrido as mais bellas ruas da cidades, voltava ao seu ponto de partida. Tornavam a pôr sobre o seu pedestal a estatua de Diana e accendiam-se os altares para os sacrificios. Depois, terminados os seus deveres religiosos, os romeiros separavam-se e voltavam aos seus lares, não sem haver feito chegar ainda ao collegio dos padres uma esportula proporcionada ás suas posses para as despezas do culto. Fôra graças a estas dadas voluntarias que se havia elevado o templo de Diana. Eram igualmente estas promessas que permitiam conservar convenientemente o edificio. O templo de Diana era d'alguma sorte uma obra collectiva para a qual collaboraram todos os Gregos.

Imaginar-se-ha, pois, sem custo a consternação e o temor dos Ephesios, quando uma noite se espalhou que o templo de Diana ardia. Um obscuro demente, Erostrato, tinha imaginado incendiar o mais bello monumento de Epheso afim de transmittir o seu nome á posteridade. Os habitantes assistiram, impotentes, ao sinistro. Mas, no anno seguinte, emprehendiam a reconstrucção do santuario. O novo templo não foi menos bello que o outro. Por muito tempo ainda, continuou a attrahir os fieis. Depois, no seculo III depois de Jesus Christo, os barbaros Scytas recommçaram a obra de Erostrato. O templo foi queimado e saqueado.

Eis o fim d'esta maravilha do mundo antigo.

AS NOSSAS GRAVURAS

Egreja de S. Colman em Dromore

(Irlanda)

Deu se principio a este formoso monumento da Irlanda, de que a nossa gravura é copia fiel, em 1871, e á custa das esmolas dos fieis chegou a concluir-se e a enriquecer-se com alfaias de muito valor. O estylo é o gothico, estylo ao mesmo tempo solido como torre acastellada, e esbelto, elegante.

Sobre a porta principal tem a imagem do Santo Padreiro, e no triangulo superior abre-se uma rosa, symbolisando o apostolado, e por toda a parte se nota e admira o gosto pela arte christã que dominou durante a Edade Media.

Falta-lhe ainda para ser concluida, uma das torres; mas nem por isso deixa de causar nos admiração o saber que um templo de tal grandeza e trabalho fôra feito em pouco mais de 10 annos!

Quanto aos objectos do culto que esta igreja possui basta mencionarmos que entre todos elles se destaca um calix de ouro, encrustado de pedrarias, no valor de mais de cem contos de reis, offerta d'um commerciante de New York, filho de Dromore.

Dromore é uma cidade da Irlanda e faz parte do condado de Down. E' muito commercial. Tem um bispo protestante, mas a maior parte dos habitantes é catholica.

DE TUDO UM POUCO

O monge velho

Durtal contemplava, estupefacto, este massacre de monges e ficou de repente boquiaberto. Um feixe de luz cahia d'uma alampada, que o padre sacristão acabava de deslocar na rotunda, e que, atravessando o portico, ia illuminar um monge de joelhos deante do altar dedicado á Virgem.

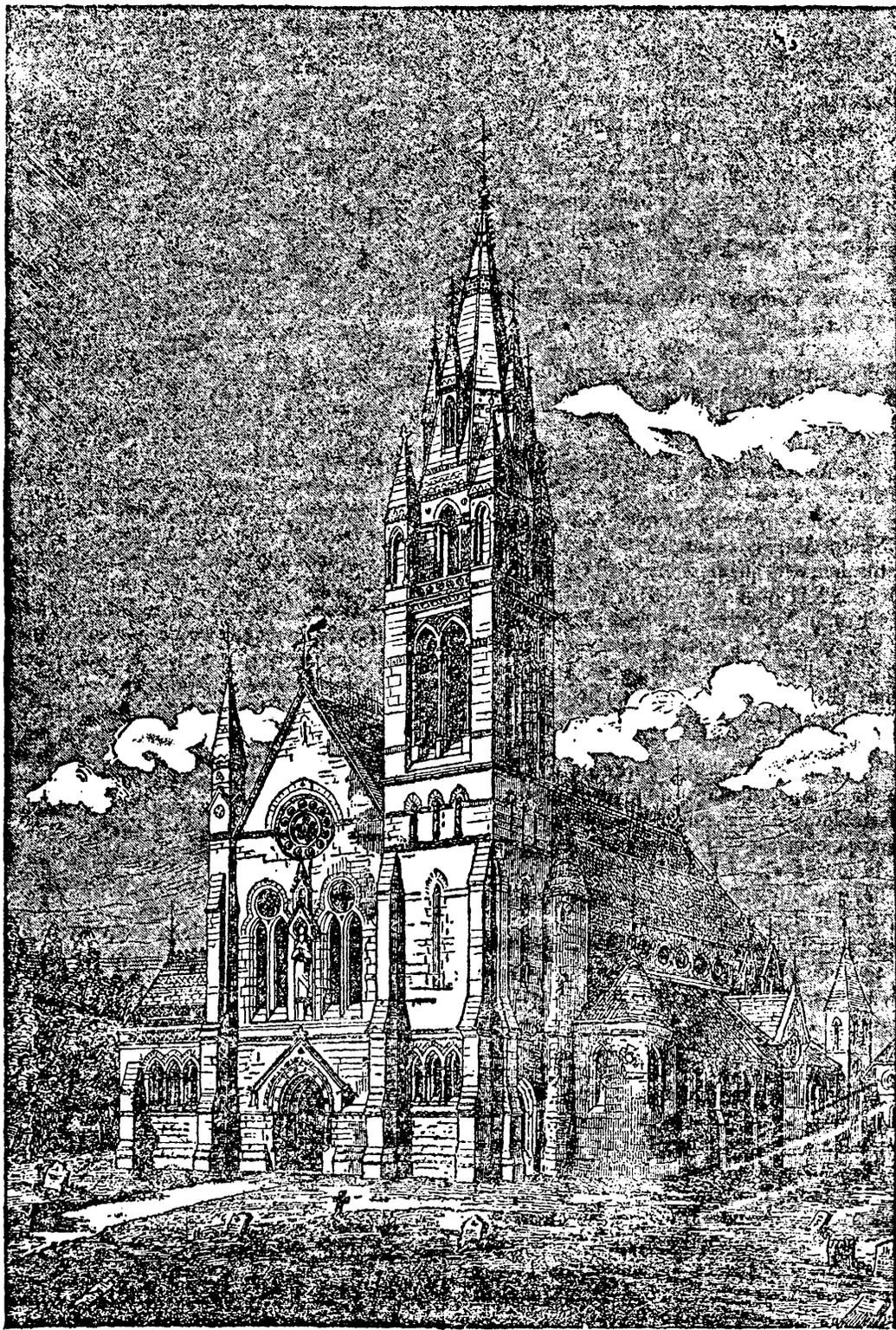
Era um velho de mais de oitenta annos; estava immovel semelhante a uma estatua, com os olhos fixos, e inclinado n'um tal arroubo de adoração, que todas as figuras extasiadas dos Primitivos pareciam, perto da sua, forçadas e frias.

A mascara era vulgar; o craneo rapado, sem corôa, crestado por todos os soes e por todas as chuvas, tinha a nuance dos tijollos; os olhos estavam velados e cobertos de belidas pela idade; o rosto, plissado, encarquilhado, ennegrecido como um buxo velho, enterrava-se n'uma matta de pellos brancos, e o nariz, um pouco achatado, acabava de tornar singularmente commum o conjuncto d'esta face.

E sahia, não dos olhos, nem da bocca, mas de toda a parte e de nenhuma parte, uma especie de angelidade que se diffundia por sobre esta cabeça, que envolvia todo este pobre corpo, curvado n'um montão de farrapos.

N'este velho, a alma não se dava ao cuidado de reformar a physionomia, e de ennobrecer a; contentava-se em aniquilal-a, irradiando-se; era, de algum modo, como o nimbo dos santos antigos, não ficando ao redor da cabeça, mas estendendo-se por todos os seus traços, banhando com uma luz pallida, quasi invisivel, todo o seu ser.

E elle nada via e nada ouvia; os monges arrastavam-se de joelhos, vinham para se reaquecerem, para se abrigarem á sua beira, e elle não se bulia, mudo e surdo, assaz rigidamente para que se pudesse julgal-o morto, se então o labio



Igreja de Dromone, na Irlanda

inferior não se tivesse agitado, levantando n'este movimento a sua longa barba.

A aurora começava a branquear os vidros das janelas. Oh! orar, orar sempre como estes monges! exclamou Durtal.

J. K. Huysmans (A Caminho.)

Calendario:

Agosto

15

1904

Fernão Peres d'Andrade descobre o imperio da China, em 1517.

E' este incontestavelmente um dos vultos mais importantes das nossas chronicas orientaes. Navegante, descobridor e guerreiro, durante quasi meio seculo apparece constante-

mente o seu nome nas paginas mais brilhantes da nossa historia do Oriente.

Luctou ao lado de D. Francisco de Almeida e Affonso d'Albuquerque em Goa e Malaca. Em 1516 é encarregado de ir entabolar relações commerciaes com esse mysterioso imperio de Cathay, cujas maravilhas inflamavam tanto a imaginação dos portuguezes já senhores da India, como o sonho do Prestes João havia inflamado a phantasia dos seus ascendentes, enquanto abriam penosamente um caminho para as regiões orientaes atravez dos mares desconhecidos d'Africa.

Não era portanto um negocio commercial, tratava-se tambem de uma preocupação scientifica. Fernão Peres ti-

nha de explorar esses mares ainda quasi virgens, de estudar esse imperio quasi desconhecido, ácerca do qual só havia as relações de Marco Polo, tomadas á conta de mentirosas em grande parte, e ultimamente umas vagas noticias de que alli abordara um portuguez, Raphael Perestrello.

Em junho de 1517, fez-se Fernão Peres á vela, com uma esquadra de 4 naus e 3 juncos, de modo que, depois de varias peripecias abordou á costa da China, indo em seguida a Cantão e depois a Pekin, á presença do Filho do Céu.

Eis, pois, o facto mais importante da vida de Fernão Peres, e que lhe dá o titulo de grande descobridor.

Depois de uma larga folha de serviços, sóme-se o vulto do verdadeiro descobridor da China, e ninguem sabe nem onde, nem como, nem quando morreu!

Curiosidades:

Damos o nome de Ave-Marias ao que os francezes designam com a palavra latina: Angelus. E' a saudação angelica, seguida de uma pequena oração á Virgem, a *Ave Maria* e a *Santa Maria*, repetidas por tres vezes, com uma breve antiphona no principio de cada uma.

Foi o Papa João XXII quem, em 1318, instituiu esta reza. Luiz XI, de França, mandou que em todas as egrejas do seu reino se tocassem os sinos para este exercicio devoto, ao romper do dia, ao meio-dia, e ao sol posto, costume piedoso que se espalhou por toda a christandade.

Notas de sciencia:

Um medico inglez, o dr. Castellani, que foi á Africa estudar a doença do somno, declara que, isolado o microbio de tal enfermidade, se reconhece que elle apresenta perfeita semelhança com o que produz a morte nos animaes mordidos pela mosca «tzé-tzé», e transmittido, d'individuo a individuo, por intermedio d'uma mosca analogá áquella, chamada a «glossina palpalis».

Esta «glossina» suga o sangue dos doentes, injectando-o em seguida no das pessoas sãs—o que produz esta cousa lamentavel, no dizer do dr. Castellani:

—«As victimas vão adormecendo todas.»

Pensamentos:

Se a alma se encaminha para Deus com uma tendencia forte e fervorosa, tudo o que na vida é amargoso, já o considera doce: toma qualquer afflicção por descanso e appetee passar d'este mundo para que a morte a conduza a uma vida mais completa.—*Sam Gregorio Magno*.

Que vale dares a Deus quando Elle te pede outra diferente? Considera o que Nosso Senhor quer de ti; que com esse sacrificio terá o teu coração contentamento, e não com aquillo a que te sentes inclinado.—*Sam João da Cruz*.

Não sentis que doçura tem esta simples palavra: Vontade de Deus?—*Santa Maria Magdalena de Pazzi*.

A quem conversa com Deus, nunca falta prazer e alegria.—*D. Frei Amador Arraes*.

No céu tudo é contentamento; no inferno tudo é pezar: no mundo, como em meio, ha d'um e d'outro. Estamos entre dois extremos e assim participa-se de ambos. Alterna-se: nem tudo ha-de ser prosperidade, nem tudo adversidade. Este mundo é um zero: só, nada vale; juntando-o com o céu, vale muito.—*Sam Lourenço Graciano*.

Versos escolhidos:

Oração

Meus olhos, quando os ergo maguados
Aos teus, que n'essa cruz brilhando estão,

Abaixo-os logo em pejo e confusão
Da grave hediondez de meus peccados.

Mas logo os torno a erguer, que os teus, baixados
Em mostras de clemencia e compaixão,
Alentam a esperanza do perdão
Aos d'esta vida tristes degredados.

Dorida face, os olhos teus benignos,
Descendo d'essa altura luminosa,
Não fujam d'estes nossos sempre indignos,

E os nossos, n'esta via dolorosa,
Limpos da culpa que os tornou malignos,
Aos teus off'renda sejam preciosa!

Alberto Cruz.

Humorismos:

Foi-se confessar um avarento, e perguntou-lhe o sacerdote se sabia o «Padre nosso.»

—Senhor, disse o penitente, eu aprendi o muitas vezes, mas agora não me lembra, porque tenho a memoria fraca.

—Pois eu lh'o ensinarei de modo a não o tornar a esquecer. Por enquanto, porém, e por experiencia, imponho-lhe como penitencia a obrigação de emprestar sem juros, esta semana, qualquer quantia a todos os que forem pedil-a em meu nome.

No dia seguinte apresentou-se em casa do usurario um pobre homem, que da parte do snr. vigario lhe pediu emprestada certa quantia.

—Como se chama o snr? perguntou-lhe o usurario:

—Chamo-me «Padre nosso.»

Foi outro mais tarde, e pediu-lhe outra quantia, dizendo que se chamava «Que estaes nos Céus,» e assim successivamente.

Voltou ao confessorario o avarento, e diz-lhe o padre: Cumpriu a obrigação que lhe impuz?

—Sim, senhor.

—Pois diga-me: a quem emprestou o seu dinheiro em meu nome?

—A «Padre Nosso, que estaes nos céus... E recitou perfeitamente todo o «Padre nosso.»

—Vê? disse o sacerdote; d'esta vez não se esqueceu da oração: com o que mostra o snr. que tem só boa memoria quando lhe convém.

LYRA CHRISTÃ

Jesus a uma alma

I

«Dilexit»

O' alma, ó minha amada, não te ausentes
Do ninho d'este seio generoso;
Trocas do paraizo eterno gozo
Pelo abysmo de lagrimas ardentes?

O' dilecta avesinha, amor não sentes,
Vendo, no altar da cruz, o teu esposo
Dar-te o seu coração, tão extremoso,
E mais bello que os astros refulgentes?

O meu amor d'essas prisões desata
As pobres avesinhas e as convida
A beber d'esta fonte, que resgata,

Descansa entre assucenas; vem, querida,
Dá-me o teu coração, embora ingrato,
Amo-te ainda mais que a propria vida.

Ramalhal.

Padre Manuel Antonio Baptista.

MUSA HUMORISTICA

No deserto

Só perante o Senso eterno
Se defronta o Deus superno.

Homens ha que, se os deixaram,
Aos pequenos... cavalgaram.

Na insonte liberdade
Transparece a divindade.

A gente do mestre Hyrão
Guerreia a de Salomão.

No ar do esmoler addicto
Fulge a graça do bemdito.

O mundo do velho é mesto,
Porque tudo lhe é molesto.

Não te enamore mulher
Que dar trella a todos quer.

O jogador é um tonto
Que espalha males sem conto.

Na sciencia negadora
Rasteja a serpe traidora.

A verdade é casta diva
Que lá dos altos deriva.

A virtude exercitada
Escurece a apregoada.

Saber que do bem dá cabo,
Não é saber, é o diabo.

Na descrença abunda o mal
Que hoje escarnece a moral.

Casamento apaixonado
Quasi sempre é malfadado.

Do infrene liberalismo
Procede o louco anarchismo.

Homem que a todas requesta
Nem para rameiras presta.

O saber de melhor conta
E' o que a Deus nos aponta.

Não ha ccisa mais corrupta
Do que a lei... da prostituta.

O suffragio universal
E' um sonho temporal.

Mais diz a inculta crença
Do que a descrida sabença.

Formosura muito vista
Chega a ser obra de artista.

A avidez do communismo
Ha de arrastal-o ao abysmo.

Muito vinho; «muito riso»,
Pouca vida, «pouco ciso».

Consortes que bem se entendem
De o ser nunca se arrependem.

Quem diz que a natura é Deus
Desmente os proprios atheus.

A devoção é remedio
Para todo e qualquer tedio.

Se te apraz esposa bella
Não attentes muito n'ella.

Jehovah não envelhece,
Porque em tudo transparece.

Na promessa communista
Ha embuste ou pouca vista.

Dividir os bens do mundo
E' sonho sem tom nem fundo.

Se te vêes, és um snão,
Se te medes, um Samsão.

A lei é pouco bondosa
Quando não é rigorosa.

Nos luzeiros da amplidão
Fulge o Deus da creação.

Juiz que contemporisa
Favorece ou tyrannisa

Antes perder por callar
Do que por muito fallar.

Quem leva o povo a desorer,
Ou é cego ou não quer ver.

Belleza vista a miudo
Passa a vêr-se como tudo.

O vencedor de si mesmo
Vence inimigos a esmo.

Na cruz do Deus redemptor
Refulge um nimbo de amor.

Liberdade para o mal
Só a toma... o animal.

O radio é um pequenino
Raio do Poder divino.

Para acirrar a maldade
Basta dizer-lhe a verdade.

Na riqueza ambiciosa
Mora a pobreza faustosa.

A inveja é mais faminta
Do que muita gente a pinta.

Contempla a Immensidade
E acharás... a Divindade.

O homem, que tudo explica,
Do—nada—nada fabrica,

Só o Deus que a Adão creara
Do—nada—os mundos formara.

O degredo nada vale
Para o que brande o punhal.

Quem quer viajar de graça
Aggride ou mata na praça.

Alves de Almeida.

RETROSPECTO DA QUINZENA

O SS. Coração de Maria é a padroeira do mez de agosto e o dia da sua festa é o ultimo domingo d'este mez. Tal festa foi instituida pela Igreja para que meditemos sobre o amor immenso que Maria teve pelos homens, sendo o mais digno santuario habitado pela divindade.

As perfeições do Coração de Maria são as de a ter preservado do peccado original e de a ter conservado pura, em sua imagem divina. Além d'isso, Maria enriqueceu o seu coração, applicando-se á pratica de todas as virtudes, principalmente a *humildade*, o *desinteresse*, a *pureza*, o *amor pelos christãos*. Quatro são as caracteristicas d'este coração: *Ser Immaculado*, *ser o da mais pura das virgens*; *ser o da mais perfeita das mães*; e *o da mais admiravel das padroeiras*.



Frei Antonio de Santa Maria

Vamos hoje honrar o nosso Retrospecto, publicando n'elle o retrato do P.^o Fr. Antonio de Santa Maria, que actualmente occupa o elevado cargo de Definidor geral e Presidente do Collegio Internacional de Santo Antonio, em Roma.

E' uma homenagem justamente merecida pelos seus talentos e pelo lugar preeminente que occupa na sua Ordem, da qual é um dos mais insignes ornamentos, honrando sobremaneira, longe da patria, em Roma, o nome portuguez.

Tendo nascido em Villa Marim, a 1 de março de 1864, cursou os estudos ecclesiasticos, entrando depois no convento do Varatojo, onde vestiu o habito franciscano a 21 de abril de 1886.

Acompanhando o Dr. Fr. João da Trindade nos seus estudos, frequentou em Roma a Universidade Pontificia, e ali se doutorou em Philosophia e Theologia.

Em Portugal cooperou mais o Dr. Fr. João da Trindade na fundação e redacção do nosso presadissimo collega «Voz de Santo Antonio», e foi encarregado de ir fundar e dirigir a primeira missão franciscana em Africa, para onde se dirigiu em 1868.

Em fins de 1901 é chamado a Roma para assumir um dos mais elevados empregos da sua Ordem e auxiliar o superior geral no seu governo. Finalmente, em 1903, L.^oão XIII nomeia-o superior do Collegio Internacional de Santo Antonio, em Roma, cargo que ainda desempenha actualmente.

Os primeiros tempos do Pontificado de S. Santidade Pio X têm sido amargurados de dores cruciantissimas para o seu bondoso e paternal coração.

Os recentes successos da França, onde campeia uma politica ferozmente sectaria resolvida a levar a cabo os seus designios infernaes, hão sido a origem dos mais lancinantes desgostos para o augusto encarcerado do Vaticano.

Para contrabalançar taes penas, para por outro lado receber elle alegrias ineffaveis, como sõem ser as d'um pae ao ver as provas de dedicacão d'um filho dilecto, devemos, nós, catholicos, apresentar-lhe algumas que lhe façam passar alguns momentos de indizível prazer.

A imprensa catholica estrangeira, como homenagem respeitosa e perenne ao Papado, mantém constantemente aberta nas suas columnas uma subscripção, afim de que os catholicos concorram com o seu obulo maior ou menor para as necessidades do Summo Pontifice.

Esta ideia é muito bem recebida entre os catholicos dos diversos paizes, e, servindo-nos do exemplo da Belgica, todos os annos uma peregrinação chamada dos jornalistas catholicos da Belgica, vae depôr nas mãos de S. Santidade uma importante offerta, producto da subscripção aberta nas columnas dos seus jornaes.

Entre nós já foi iniciada uma tentativa semelhante nas columnas do nosso distincto collega «Revista Catholica» de Vizeu, attingindo ella uma bella somma que breve vae ser entregue em Roma.

Nós, pela nossa parte, vamos secundar a ideia, que é em extremo sympathica, resolvendo abrir brevemente nas columnas d'esta nossa Revista uma subscripção para o mesmo fim, chamando para ella a attenção dos nossos estimaveis assignantes e leitores.

Desde já recebemos qualquer quantia por mais pequena que ella seja.

Uma agradavel noticia vamos consignar aqui, dando-a aos nossos leitores.

O principe dos escriptores catholicos portuguezes, o rev.^o snr. Conego Senna Freitas, que ha tempos, adocendo d'uma doença grave, nos fizera conceber bem poucas esperanças de cura, acha se ao presente de todo restabelecido na casa de saude do Telhal-Sabugo, aonde se recolhera para tratar-se.

«O Progresso Catholico» ao noticiar este facto tão jubiloso, não pôde deixar de felicitar vivamente o notavel

escriptor catholico e seu fundador, rendendo graças ao Altissimo por tamanha graça recebida.

A famigerada questão dos milhões dos Cartuxos liquidara ignobilmente nas camaras francezas.

O bloco sectario fez quanto pôde para abafar a questão que salpicara de lama a Combes, chegando até a quasi proclamar a intangibilidade do energumeno!

Proh pudor!

O primeiro anniversario do Pontificado de Pio X teve entre nós os foros d'um verdadeiro acontecimento.

A ideia aventada pelo nosso illustre collega «Correio Nacional» para uma manifestação catholica a S. Santidade no dia 4 de agosto, por meio de telegrammas de felicitação, teve o mais entusiastico acolhimento, contando-se aos milhares o numero de felicitações.

Sabemos que Lisboa se representou dignamente, e d'aqui do Porto todos os jornaes catholicos, associações, todas as collectividades de character religioso e inumeras familias de genuinas crenças catholicas contribuíram brilhantemente para o bom exito d'esta delicadissima ideia, que muito ha de ter alegrado o coração do nosso bondoso e santo Pontifice.

Eis o texto do nosso telegramma:

Rédaction «Progresso Catholico» félicite Sa Sainteté et prie benediction apostolique.

Resposta a este telegramma:

S. Padre la ringrazia delle omaggio e la benedice.

Card. Merry del Val.

Traducção:

S. Padre agradece homenagam e envia benção.

Mais um illustre membro do Episcopado portuguez pagou o inadiavel tributo á morte.

O venerando Bispo de Angola e Congo, o ex.^{mo} e rev.^{mo} Sr. D. Antonio José Gomes Cardoso, que se achava ha tempos gravemente enfermo de febres paludosas, adquiridas no seu apostolado em Africa, acaba de fallecer em Lisboa, no dia 13 de agosto corrente.

Afim de recobrar a sua saude tão cruelmente comprometida por esta impiedosa doença, havia regressado ao continente, não lhe valendo por isso todos os socorros humanos.

Que Deus se amerceie da alma do inclito apostolo, dando-lhe o descanso eterno.

Rectificamos a phrase «Mãe, eis alli teu Filho,» que sahira nas «Nossas Gravuras» do nosso n.º 14, por: «Mulher, eis alli teu Filho.»

O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Nuncio Apostolico em Portugal enviou-nos, pedindo-nos a sua publicação, o seguinte telegramma que lhe dirigiu o Em.^{mo} Cardeal Merry del Val, Secretario d'Estado:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Nuncio Apostolico em Lisboa.— Por occasião do anniversario da eleição do Santo Padre á cathedra apostolica, de toda a parte de Portugal tem chegado centenares de telegrammas de adhesão e felicitação do episcopado, do clero e do laicato, de associações catholicas, periodicos e familias. Na impossibilidade de responder a cada um d'elles, Sua Santidade confia a V. Ex.^a Rev.^{ma} a missão de tornar publico o seu agrado pelas ho-

menagens que lhe teem sido tributadas por esses queridissimos filhos, aos quaes com todo o affecto envia a Benção Apostolica.»

Cardeal Merry del Val.

Com toda a reverencia, bem como com o coração cheio d'alegria e reconhecimento, nós, e todos aquelles que enviaram telegrammas de felicitação e adhesão ao Summo Pontifice, recebemos a Benção do Supremo Gerarcha da Egreja, bradando com todo o entusiasmo de filhos dedicados e submissos de tão bom Pae:

Viva Pio X!

Gloria ao immortal Pontifice!

BIBLIOGRAPHIA

Guimarães e Santa Maria—Historia do culto de Nossa Senhora, no concelho de Guimarães, por J. G. d'Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde. Devido á penhorante amabilidade do seu erudito auctor, recebemos esta obra preciosa que muito agradecemos. Com a publicação da presente obra, o seu illustre auctor patentecou mais uma vez os seus valiosos dotes de investigador das cousas historicas, e ao mesmo tempo contribuiu com um imperdavel monumento para a commemoração do anno jubilar da Immaculada.

Felicitando vivamente o seu auctor, já de ha muito assaz conhecido no meio intellectual dos eruditos investigadores de historia, desejamos muito que continue honrando a litteratura patria com obras valiosas como esta.

Collecção «Sciencia e Religião».—III vol.—*Impossibilidade do socialismo* por Victor Cathrein, trad. de Gomes dos Santos. E' mais um volume, o terceiro, d'esta notabilissima collecção, editada pela Livraria Povoense, do nosso amigo snr. José Pereira de Castro, a qual veio brilhantemente preencher uma lacuna no nosso meio catholico, que se tornava bastante sensível.

O seu preço (100 r.) e a alta importancia dos assumptos tratados n'esta bibliotheca tornam-na imprescindivel a todo o verdadeiro catholico.

Recommendamol-a, pois, instantemente aos nossos estimaveis leitores.

EXPEDIENTE

A empreza do «Progresso Catholico», previne todos os seus illustres assignantes, de que as assignaturas são pagas adiantadamente, e por isso pede-lhes, que se dignem pagar até o dia 31 d'agosto, porque passado esse dia vae fazer saques pelo correio, a todos aquelles que se achem em divida.

Prevenimos que os saques são feitos na importancia total de 850 reis, sendo 800 reis pela assignatura annual e 50 reis despeza que fazemos com cada recibo.

ANNUNCIO

**Vade-Mecum
do Seminarista**

(Traducção livre)

Preço . . . 200 réis

ANNUNCIOS

IMITAÇÃO DE CRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENIOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.
D. ANTONO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrin, douradas	1300 »

ORAÇÃO

A

IMMACULADA CONCEIÇÃO

Para ser recitada durante o seu jubileu
1903-1904

APPROVADA E INDULGENCIADA
(Tradução official)

Preço—Por um exemplar. 40 reis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

CARTAS ENCYCLICAS

DE

S. Santidade Leão XI

5 VOLUMES

Brochado.	15500 reis
Encadernado.	25100 »

A' venda na Typographia do editor **José Fructuoso da Fonseca**—Rua da Picaria, 74—PORTO.

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

por CARLOS H. PIEPER

REVISTO PELO DR. THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com aprovação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal D. Amerigo

3.^a EDIÇÃO

Augmentada com o «Modo de ouvir Missa pelos defunctos»

Preço: encadernado 160 reis

VIDA

DO

GLORIOSO PATRIARCA S. JOSÉ

Extrahida e reduzida a compendio do que escreveram os Sagrados Evangelistas, Santos Padres e varões pios

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço 500 reis

A' venda na Typographia do editor **José Fructuoso da Fonseca**—Rua da Picaria, 74—Porto.

Sermão do Enterro

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANTIGO PROFESSOR DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

Approvado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso Bispo do Porto

Preço 100

PROCURADORIA

DE

Negocios Ecclesiasticos

DE

VICENTE F. DA FONSECA & QUINTELLA

Largo da Sé, 15—PORTO

Trata-se com a maior brevidade e economia de:

Licenças de casamento, com ou sem proclamas; dispensas de parentesco; justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre; processos de ordens menores e sacras, com seus respectivos Breves, e de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas do Porto e do reino, da Nunciatura Apostolica, em Lisboa e das Sagradas Congregações, em Roma.

Encarrega-se tambem da execução de trabalhos typographicos, esculptura, paramentaria, encadernação, ourivesaria, relojoaria, etc.; fida compra de livros, objectos para escriptorio, carimbos de borracha, artigos religiosos e de qualquer encomenda para as provincias, ilhas e ultramar.

Recebe assignaturas e annuncios para todos os jornaes catholicos do paiz.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.